



«O melro, eu conheci-o!»  
 «Replicando umas finas ironias»  
 «Cantava, azobiava alegremente!»  
 «Em cima do seu velho chapéu alto,»  
 «Comendo alegremente, honradamente!»  
 «Dão-me cabo de tudo estes ladrões!»  
 «Como ále o melro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO:

Oscar Dinis, | Augusto Serra e Costa,  
 Júlio de Meireles Noronha, | António Pinto de Carvalho.

Redacção e Administração: RUA EGAS MONIS, 99

Composto e impresso na Pap., Tip. e oficina de Enc. de F. José de Freitas, Teurai, 123 e 123

Propriedade Societária de "O MELRO,, = Quinzenário humorístico e literário

## Ainda à D. AURORA

Cá estou eu outra vez. Outra vez... e porque não?! Sou teimoso? Não! Estou apaixonado...

Ora vamos a saber uma coisa: Porque é que vocelência não se digna corresponder ao meu amôr?!... Porque não me dá sorte?!... Que razões ou que motivos tem vocelência para não me dar corda?

Não tem confiança em mim? Duvida da minha sinceridade?

Pois fique sabendo, que se lhe tenho dirigido galanteios, palavrinhas ternas e arrastado a aza é porque simpatiso imenso com vocelência; é porque a amo e adoro loucamente; é porque estou, como vulgarmente se diz, perdidinho *di* amores... Desde que os meus olhos

a viram pela primeira vez, nunca mais tive só-cêgo nem repouso; o meu coração nunca mais deixou um só momento de pulsar, um só instante de fazer tic-tac por vocelência!

Tic-tac, senhora D. Aurora!

E um coração que faz tic-tac ou tac-tic é um coração que sente; é um coração que sofre; é um coração onde reinam nobres ideais e impera um par gentil —Bondade e Amor—!!!...

Mas vocelência, sabendo-se possuidora dum rosto encantador, dum palminho de cara, como ainda não vi outro assim, por usar risca ao lado, polainas e monóculo, põi-se nas suas tamanca e deita-me ao

despreso, calcando sem dó nem piedade o amor purissimo e a casta afeição que lhe consagro!

Ah! D. Aurora! D. Aurora! Vocolência é uma ingrata! Uma ingrata tona!

Mas porque me nega vocelência amor?!... Acha-me feio?... Não simpatisa *avec moi*? Não gosta da minha *toilete*?...

Pois olhe, D. Aurora, é a que mais se parece com a capa e batina, e tanto é assim que até me chegam a confundir com um estudante... de bico amarelo!...

Não lhe peço dinheiro emprestado; suplico, exorto um meigo e doce sorriso: um arzinho da sua graça!... Tenha compaixão de mim: de mim que não vejo nada sem a luz do seu olhar!... De mim, D. Aurora, que é a única pessoa a quem idolatro e cuja lembrança



trago sempre gravada no coração!

Vamos, filhinha; vamos construir o nosso nininho num bonito logar... por entre a madresilva em flôr... no alto duma cerejeira, ou na lusidia cabeleira do sr. Vasconcelos, tendo primeiramente o cuidado de lhe passar um pente miudo por causa do cêbo e... dos feijões galegos...

Vá, meu amor!... Meu doce bem!... Meu anjo! Vida da minha vida!... Idolatrada pèga da minh'alma!...

—Pèga?! Vade retro Satanaz!... O sr. Melro sabe com quem está falando?!... Olhe que eu sou uma donzela; uma rapariga honesta; uma menina virtuosa; uma moça que não tem nada que se lhe diga! Ouviu?!

—Desculpa-me adorda Aurora! Saiu-me sem querer... escapuliu-se-me... Não és pèga, não! Tu és a minha *calcuré*,... a minha canária, a minha inocente pombinha... Vamos viver juntinhos, que eu prometo e juro, por alma que não é minha, amar-te eternamente,... adorar-te a vida inteira... e mais seis mezes!...

Aurora! Querida Aurora! Não durmas... Ascorda, arregula os olhos e não me apunhales com a lâmina do desprezo!...

Não me males com tomales,  
Mate-me antes com bacalau...

Vál Cêga-le a mim...  
Vem cá mulata

## Coisas novas e velhas, leves e pesadas

### Ai as mulheres...

O comércio dos beijos tem aumentado consideravelmente na América e Inglaterra. E' um comércio simples, limpo, que rende bom dinheiro sem ser preciso dispôr de capitais.

Sómente necessita de boa... fazenda.

E' um comércio pratico e ambulante, pois mesmo de fugida se podem executar as vendas.

O beijo é fruta saborosa e doce (como o maná) que na América se paga bem; em Portugal furtase, sem que o atrevido ladrão corra perigo.

Como na América e Inglaterra os freguezes são aos milhares, o negócio tem prosperado mostrando ainda, além duma grande fonte de receita, o poder da sua força e o valor da sua influência.

O mesmo valor, tem em Portugal o comércio reles da política. Só esse é próspero...

Mas... adiante.

Os beijos tem valor, quando arrastam os eleitores à urna.

E se o nosso Afonso e o Cordial experimentassem?

Anh?...

Com beijos talvez o nosso povoinho talassa fesse às urnas!...

E então, seria o único meio de dar cabo da ditadura dura do Pimentá...

Mas... é o diabo... estão velhos... e beijos...

Adiante.

Como sabem, não sei se sabem, mas se não sabem ficam sabendo, há beijos eleitorais e beijos de caridade. Uns, são beijos de força, outros, são de valor. Uns, tem sabor, porque são dados em troca dum compromisso, outros, são amargos como rabo de gato, porque são dados em troca de de dinheiro.

E' um negócio a toda a prova delicado, pois é servido por madamas da mais fina sociedade. A

todos dispensam mil atenções e galantarias, embora apareça muitas vezes cada freguez...

Roubando agora um pouco de espaço a estas despreziosas considerações, e para que um pouco de humorismo apareça, já que até a este ponto ainda não vislumbrou, e para que de todo este artigo (se artigo se pode chamar. ufa! já é atrevimento) não peque de mal humorado, vamos roubar (não há que vêr, estamos no país das roubalheiras) a outrem o que a nós nos falta.

E' uma história breve que vamos reproduzir, história essa muito conhecida já, mas que é deveras engraçada.

Perdoai a maçada e atendei por momentos.

Numa festa filantrópica qualquer, aconteceu de passar pela barraca de uma bela e engraçada senhora um milionário seguido por um criado carregado de embrulhos e taleigos.

—Então não me compra nada? —perguntou a dama.

—Não posso, minha senhora! O meu criado já não pode com mais.

—Não quer ao menos um beijo? —insistiu.

—Ah! um beijo, com todo o gôsto! —e dispunha-se para o receber, depois de largar bom dinheiro.

—Perdão! —Não me disse que é o seu creado quem recebe as prendas?

—Sim, —teve de emendar desapontado o comprador, mandando avançar o criado.

—Catarina, —ordenou a graciosa dama, chamando pela criada, —Dê um beijo ao criado desse senhor.

E voltando-se para o logrado, que de cara ao lado e beijo caído apavoradamente para tudo olhava: —Como vê, tenho também uma criada para distribuir os prémios.

Ora francamente, quem havia de dizer que em negócio tam limpo podia haver ladroeira!

E' boa!

Vão lá fiar-se em negócios, e principalmente em mulheres...

...São a tentação.

AV.



## Cerrando os olhos



## I

Eu cá 'stou; e, na verdade,  
Conhecido na cidade,  
Como político int'ressante  
E' justo que diga ao povo:  
Arrangei partido novo,  
—Coisa p'ra mim captivante!—

## II

Eu cá 'stou; pareço ou não?  
Queiram cerrar a visão  
E confrontar a figura...  
Bale certo: tal e qual...  
Que importa que digam mal  
Da minha caricatura?

## III

Como sabem (eu lhes digo)  
Da política um amigo  
A quem eu prestei favor  
Que importa digam p'ra aí:  
O Vieira—segundo ouvi  
Xá é um bareador,

## IV

Tenho é tanto assim  
Confesso (cá para mim)  
Tenho feito um figurão:  
Democrático, almeidista,  
Se não fôr unionista  
Hei de ser um talassão!

## V

Podem crer: e se eu troquei  
D. Afonso que eu amei  
P'la D. Talassaria,  
Foi sómente para ter  
Respeito e para se ver  
Que a Consciência manda em dia,

## VI

Ambição—p'ra mim agouro—  
Julgo-a até como um tesouro  
Mas não pela simpatia;  
Que há Judas (eu acredito)  
Para prova fique dito  
Que admiro a monarquia!

## VII

Se da Câmara sai  
Eu sómente obedeci  
A' Consciência que dizia:  
—«Vieira; vá! sai agora!  
—A hora é bem redentora...  
Viva! Viva a monarquia!..»

## VIII

Cá na vila (podem crer)  
Prova ludo hei de ser  
Hei-de dar bem que falar:  
—O Vieira! coitadinho,  
—Foi sempre desgraçadinho  
A todos faz irritar,



## SONETO

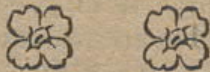
Meu bem, de ti ausente ando perdido,  
E vejo-me, senhora, em tal estado,  
Que hei de morrer e ser logo enterrado,  
Quando Deus permitir e fôr servido;

Quando durmo de noite, é só despido;  
Ando tão magro, que pareço inchado;  
Té depois que de ti vivo apartado,  
Nunca mais comi pão, senão cosido;

Não posso pregar olho em todo o dia;  
Como só os guisados que apeteço;  
Tanto pode a voraz melancolia!

E chega a minha dôr a tanto excesso,  
Que, quando tomo neve, é sempre fria:  
Olha os trabalhos que por ti padeço!

J. J. DO AMARAL.



### Pelo monóculo do "sôr., doutor

#### O que se Observa:

(Na "Aurora Académica").  
Os escriptos granguinholescos.

A secção "Diz-se..": desta vez diz pouco, no entanto, vai dizendo que o colaborador A. é o sr. Mário Guimarães.

Parabens!

A continuação da fita; os académicos a descomporem-se.

(Em toda a parte).

As 24 horas da noite, na "Alvorada."

Bom seria que S. Ex. nos indicasse ás 24 horas do dia!

O director da "Aurora Académica," na reunião dos *jornalistas* na "Associação Comercial," de moça.

Olha o perigo em que estavam metidos os outros *jornalistas*!

Safa!!!...

A necessidade dum microrio perto da fábrica da Avenida,

O badalo de asas.

O homem de Queimadela transferido para Fafe.

Não demorará muito tempo que volte p'ra Guimarães.

Coisas da D. Política: um chora, o outro ri...

O P.<sup>o</sup> Antonio, director do Internato Municipal.

Ah! Ah! Ah! Ah!

A Comissão Camarária collocando novos apelidos ás ruas e largos da cidade.

Se ela tratasse de outras coisas mais uteis, francamente, fasia melhor.

Assim... adiante.

As igrejas lavadas de fresco pela frente.

E por dentro?

A inauguração dos Pirangulas, no dia 23. A inscrição dos sócios—6666. Mais grupos que aderem á festa: dos *Carapuças*, de Vieira; do *Saco e Rabo*, de Barcelos; dos *Marmelinhos*, de Paços de Ferreira; dos *Tamanqueiros*, de Valongo; dos *Basólias*, de Vizela.

A transformação dos triangulos maçónicos em corações, no jardim do Passeio da Independência.

Bem se vê que ha pouco que fazer...

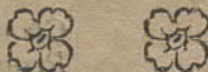
O *sôr* Godinho chorando em Fafe, pelo furto misterioso do seu sobretudo: as suas lágrimas humedecidas pelo orvalho pagão...

O Mário Vieira, deputado *aeroc-evolucionista* por Espozende...

Ah! Ah! Ah!

A estada em Guimarães do mesmo, para gáudio dos *correligionários*.

O successo causado pela nossa última caricatura,



### Preço da assinatura

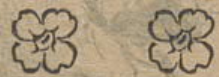
Trimestre, 12 centavos (120 reis); pelo correio aumenta 3 centavos (30 reis) para o porte e cobrança.

### Resando oitavas:

#### IV

'Inda vem, lá ao longe, lentamente,  
Com algum seu amigo a conversar,  
Já o estudante prompto e de repente,  
Trata de se esconder, de se *pisgar*;  
Tal é o terror que ao *cabula indebente*,  
Suas condenações fazem passar;  
Contudo, tem piada o *Zé Maria*  
E aposto que o leitor já o sabia?!

ANTI-PALITO.



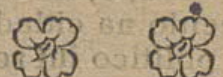
### LOCAIS

#### Justiça

Foi feita (e era justo, que diabo!) ao secretário de finanças, de Espozende.

Que diabo! porque seria?

—Por ser honrado.



#### Agradecendo

Entre os vários jornais que temos recibo é justo que agradeçamos a permuta delicada de "O Talassa.."

No próximo número publicaremos a lista das entradas jornalísticas.



### Preços das publicações

Anúncios e comunicados, linha 4 centavos (40 reis); repetição, linha 2 centavos (20 reis); anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.



## Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo)

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantora tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vae a festa... Clave de sol; tom menor...)

XIII

Passaei pela tua porta,  
Espreitei pelo ferrolho;  
Deu comigo a tua mãe,  
Meteu-me um pau pelo olho.

XIV

Tenho tosse no cabelo,  
Dor de dentes no cachaço,  
Amargam-me as sobrançellas,  
Não vejo nada de um braço.

XVI

O lagarto é pintadinho  
Da cintura até ao meio;  
Não sei como as moças podem  
Com tanta carne no seio.

XV

A mulher do meu vizinho  
É uma santa mulher;  
Dá os ossos ao marido  
E a carne a quem ela quer.

(CONTINUA.)



Previnem-se os Snrs. assinantes que, para efeito da cobrança, só são válidos os recibos que levem no verso o carimbo da casa comercial ANGEL B. BATO.

# EM FOGO:



*E* na verdade o que mais distingue o seu rosto todo impregnado de beleza e formosura são seus sorrisos suaves que constantemente se lhe desprendem dos lábios encarnados, como pétalas perdidas de mimosas flôres.

Olhos de mulher bela que seduz, dum preto relinto e fascinador, são aqueles que lhe iluminam as faces mimosas, como duas estrelas que brilham na abobada celeste e que lançam aos que a contemplam uns raios de meiguice e de ternura.

A elegância altiva que a caracteriza e que a faz ser admirada por todos que a observam, é digna de ser cantada em preciosos e líricos madrigais, por inspirados poetas.

Um bucosinho que lhe adorna os lábios delicados combinado com a fés morena do seu rosto, dá-lhe uma graça infinda e uma suavidade encantadora.

E para complemento de tanta beleza e formosura, tem a distinguida uma alma bondosa e caritativa, de anjo e um coração sensível e comovente, que chora lágrimas de dor ante as desgraças que constantemente sucedem pelo mundo.

Se a observamos ao longe elegantemente colocada no peitoril da janela, o seu aspecto de pensadora e mulher romântica faz lembrar-nos a personagem profogonista daquele romance encantador que se chama: Rumeu e Julieta,

PALITO.

*S*ousa?! Quem o não conhece?

É vê-lo por aí todo bem posto, de bengala, passeando como um janota, ou então a jogar bilhar no Zé Maria, a fabricar pilulas ou a examinar urinas, azeite (sim azeite!), sangue, leite, etc., etc..

Farmacêutico diplomado pela Universidade da Coimbra (carambala já é qualquer coisa!) o Sousa pensou, meditou, estudou e, imediatamente, fundou, em Guimarães, à Rua da Republica, primeiro andar, o Instituto de "Asepsia, com todas as análises e sínteses.

Senhor Sousa:

Não extranhe, amigo, deixe lá, faça vista grossa. É você quem figura hoje, não ha que vêr, mas... deixe seguir a fita.

Quem fôr bonito, elegante, quem andar fresco como a boa hortaliça e bem encadernadinho, será apanhado custe o que custar.

Depois, será exibido!

Pois então!

UM SEU AMIGO,



Plebiscistos de "O Melro,"

(Secção quinzenal)

O QUE É O BEIJO?O QUE É O BEIJO?!A' galante M.ºe  
L. P. Figueiredo.

Turvo delírio!... Eu ouço mil harpêjos:  
meigo ciciar de lábios dôcemente!  
Não ha amôr, não ha amôr sem haver  
beijos,  
fala a brisa que passa mansamente!

De fôr em fôr, a amarem seus adêjos  
lá vai a mariposa levemente!...  
Porque vos osculais a rir desejos  
andorinhas que voais tão velozmente?!

—Beijos?! O amôr-partido aos boca-  
dinhos?!  
Quem os não tem não sabe ter cari-  
nhos?!  
pobre de affectos, poderá sonhar?

A laçada mais forte que Deuz fez!...  
seca lágrimas, . . . faz sorrir, talvez!...  
Triste Vate, não tens a quem os dar?!

—Ninguem os quer que os meus são  
dos do mar!

R, E,

O QUE É O BEIJO?

O beijo, no cabelo, significa amôr  
maternal; na face, amor paternal,  
amizade; nos olhos, sentimento; na  
boca, amor correspondido; na gar-  
ganta, ternura; na mão, respeito; no  
nariz, confiança; no pé, servilismo;  
no vestido, veneração; no lenço ou  
leque, ardente amor; numa fôr, fi-  
midês, hesitação; na testa, paz e  
tranquilidade; na orelha, pureza; num  
dedo; desprêzo; na barba, despedi-  
da; no ombro, esquecimento.

O QUE É O BEIJO?

E' uma coisa muito doce... muito  
doce... muito doce... tão doce...  
como o mel que nasce na corfiça!

O beijo é um desejo que eu vejo  
nos lábios doces como o queijo...

TORÍBIO.

O QUE É O BEIJO?

A' vizinha do sétimo andar  
Que me diz: «Beijos, não m'os quer dar?...

O beijo, cá para mim,  
—Ambição de namorado—  
Nos lábios deve ser dado  
De mansinho... assim... assim...

Que doçura no momento!  
O beijo não tem maldade,  
Quer dizer: Fidelidade,  
Promessa de casamento...

Os beijos? — heide os eu dar  
A quem de mim os rogar,  
Satisfazendo desejos...

Lábios em lábios pousados, . . .  
Passa até uns bons bocados  
Quem às escuras dá beijos...

UM LAMBÃO.

O QUE É O BEIJO?

Um beijo, sendo duma *boa ca-*  
*chôpa*, é um choque eléctrico que  
nos fulmina; sendo duma velha ear-  
câssa, é um desgosto que até nos  
pode levar à sepultura.

Um beijo repençado  
Deixa-nos eletrisado.

PIPA.

O QUE É O BEIJO?

O beijo é a mais sublime criação  
do amor.

PIMPALHÃO.

O QUE É O BEIJO?

Zumbido de vespa desprendido  
dos lábios do homem que repercute  
deliciosamente o coração iludido da  
mulher, para desfechar na mais re-  
quintada perfidia.

UMA JOVEM.

O BEIJO

(A' Maria do Céu)

O astro-rei beija a campina,  
O luar os namorados,  
De manhã por entre os prados,  
O orvalho beija a bonina.

O filho beijando a mãe,  
Fica com saudades mil,  
Beijam-se no mês de Abril,  
As andorinhas tambem.

Um beijo! Oh querida rosa  
Quem dera a face mimosa,  
Beijar-te com todo ardor.

Tu farias do teu peito,  
Para mim eterno leito,  
O beijo traduz-Amor.

Guimarães, 6—5—915.

LUÍS TEIXEIRA JACINTO.

O QUE É O AMOR?

A todas as pessoas pedimos os  
seus pareceres, que serão publica-  
dos no próximo número do nosso  
jornal.



Aos presados leitores lembra-  
mos, que devido a haver muitos  
pedidos de exemplares em papel  
*couché*, para colleccionar, estes se  
vendem ao preço de \$05, devendo  
os pretendentes avisar esta re-  
dacción com antecedência.



Agarra, Agarra que é Manel*(Retardado)*

O' Manel, ó Manelzinho,  
O' Manel endiabrado:  
E' um perfeito daninho,  
Trazes tudo enfeitado.

Tu metes tudo em respeito  
Co'a tua piada fina;  
A Gaça... é sómente um preito  
Para aquela tal menina.

Não me faço feiticeiro  
Nem p'ra isso tenho geito;  
Não me leves ao cuíelo,  
Podes dar em mal do peito.

Tens que crescer mais um pouco  
P'ra me tirar's o comer;  
Não te agarres ao que é de outro  
Pois não sabes escrever.

Foi no Melro, por acaso,  
Que os meus versos foste ler;  
Nãa os mostres á Morena  
Porque me pode... batar!

Então ela nada arranja  
Com a história do feitiço?  
E's um Manél, um laranja,  
Xiça!!! Xiça!!! que és um Xiço.

Fui consultar a revista?  
Com licença do autor.  
Mais não armo ao pingarelho  
Porque nisso tenho horror.

As alviç'ras que tu dás  
Guarda-as e compra o pão;  
O Taramelo já veio  
P'ra tu lá teres sabão...

Não vos torno a dar resposta  
Porque ela não mereceis;  
Tudo e mais que digas, Costa,  
Vai p'ró cesto dos papeis...

TARAMELO.



O MELRO encontra-se à venda, no Quiosque do sr. Toreato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

Perguntas inofensivas

—O que fazem os empregados na S. M. Sarmento?

—Porque não concorreram os nossos heroicos bombeiros ao certamen realisado, no Porto, em honra de Guilherme Gomes Fernandes?

—Porque é que a nova comissão camarária não manda cair a frente do edificio onde está instalado o Internato Municipal?

—Quanto se gasta por ano com a nossa activa policia?

—Que serviços tem ela prestado à cidade?

—Porque não se acaba com os ditos guardiões?

Quem responder mais acertadamente a estas inofensivas perguntas terá como premio um maço de fumo fino de fino doce.

Respostas ingenuas ás perguntas inofensivas

—Porque é que todos os grandes homens da republica usam pèra?

Porque vulgarmente todos os homens a usam.

—E porque todos os elegantes cara rapada?

Por comodidade, luxo, higiene, etc., etc., etc., etc., etc., etc.

—Qual é a melhor lei da republica?

A dos ratos.

—Aonde param os melhores livros da Sociedade M. S.?

Na casa de quem os possui e lhes chama seus.

—Como é que alguns republicanos se arranjaram?

Abotoando-se.

—O que é que os monárquicos querem?

Abotoar-se.

EGO.

N. R.—A' este cavalheiro, que não sabemos quem seja, coube o premio já designado.

Tira-teimas

A

**Abestruz**—O Justino Ferreira.

**Abetumado**—Como ficou o Vaz Vieira, depois da chegada da "Alvorada,."

**Abiehar**—(um logar) O que fazem os politicos quando estão no poleiro.

**Abiscoitada**—Como está a pinha do Bernardino Machado.

**Abóbora**—A barriga do sr. cônego Zé Maria.

**Abolida**—Como está a Igreja.

**Abonada**—A mão da casa High-Life.

**Abordagem**—O que vem fazer Paiva Couceiro.

**Aborrecer**—O que nos faz a politica,

**Aborrecido**—Como eu ando a môr parte das vezes.

**Aborrecimento**—O estado dos democráticos.

**Aborto**—O que os monárquicos chamam à República.

**Abotoado**—Como ficava o António Maria da Silva se a questão de Rôdam fôsse para a frente.

**Abraços**—(andar aos) O que fazem certos republicanos para não lhe tirarem a mamadeira.

**Abrrantes**—Uma vila onde a palha está como dantes.

**Abrejeirados**—Como andam os monárquicos com a politica do Pimenta de Castro.

**Abreviar**—(bandeiras) O que certos patuscos estão a fazer para as desfaldarem, no dia grande.. Aí pá!..

**Abridor**—Um saca-rolhas que eu guardo com muito cuidado.

**Abrigos**—As casas do Costa-Queijo, Veloso e Oliveira.

**Abrutado**—Tipo que se julga muito fino e discute politica.

**Absolutismo**—Para onde nós imos caminhando.

**Abster-se**—O que muita gente honrada devia fazer nas eleições.

(CONTINUA.)



## SECÇÃO LITERÁRIA

## MÃOS

**N**AS tuas mãos pequeninas, meu Amor, vive e canta um poema—o poema do teu coração. Elas falam e choram, suplicam e imperam, condenam e salvam.

Teem música e ritmo; amaciam o ar, e ondulam as linhas ásperas em que poisam. A harmonia musical das tuas mãos!

Quando melhormente me agradam, é quando vestes de preto. Sobre a escuridão do vestido, ressaltam brancas, da côr do marfim secular; e as unhas, onde transluzem claridade de Aurora, são aceradas e agressivas como o ferro duma lança.

Esguias, e de dedos patricios; esguias e breves, como a mão ingênua duma criança e a mão ociosa duma imperatriz do Oriente. Mãos capciosas, preparam a insídia, e a sua virtude é tal, e tal a sua malícia, que, feitas para o prazer e para o mando, igualmente acariciam e igualmente repelem. Eram assim as da amorosa Rainha de Sabá, assim as da irmã fascinante dos Borgias. Ai tens a rosa—a flor tua irmã, que, com ser amável e doce, nem por isso se despe dos espinhos. Seduz-me nas tuas mãos a linha clássica dos marmores áticos, animada do íntimo fogo de ansiedade que devora as almas dêste século.

Que misterioso laço prende a defeza violenta do teu pudor à rêde apertada do teu desejo!

Quando repelem, as tuas mãos são dez guerreiros que saem em ordem de batalha a defender-te. Quando me acenam, são dez sereias, cantantes na sua mudez, a atrair-me ao remoinho dos teus braços. Se te despedes de mim, eu próprio, ao voltar-me de longe, não sei bem distinguir onde é que a tua mão termina para começar o teu lenço.

As tuas mãos mensageiras da tua alma, meu Amor!

M. CARDOZO MARTA.



## O RIO

(A JOAQUIM ROBERTO)

Socegado, a deslizar,  
Sem lamentos, docemente,  
Ele caminha contente,  
Sempre, sempre, sem cessar.

Alegremente a cantar  
E em leito fundo a correr,  
Sem poder adormecer  
Anda sempre, sem parar.

E p'ra as máguas espalhar,  
Com certo recato, a medo,  
Vai transmitindo em segrêdo  
Coisas lindas d'encantar.

Até o sol a brilhar,  
Quando rompe, inda indolente,  
Ele demoradamente  
O seu leito vem beijar.

E até o meigo luar,  
Nêle se deita a dormir  
E muito contente e a rir,  
Feliz se deixa embalar.

E sempre a andar, sempre andar,  
Sem o caminho perder,  
Ele mesmo sem querer  
Caminha sem descançar...

E triste eu fico a pensar:  
Ah! como bom deve ser  
Caminhar sempre a correr,  
E feliz sempre a cantar.

E assim a pensar, pensar,  
Esquecido, sem saber,  
Eu deixo-me adormecer,  
E fico a sonhar, sonhar...

A. V.



## Soneto

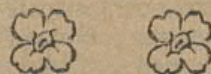
Dizes que me não amas, se a brincar  
Te falo em construir um lar formoso,  
Cheio de sol e rozas do tocar,  
Como o não há mais belo e mais ditoso,

Olho-te—e continuas a negar,  
Num enleio que é tímido e bondoso,  
Como se eu não soubera adivinhar,  
A mentira em teu rosto carinhoso...

Vã! De mãos postas; ambos de geolhos;  
Fixos, nos meus, os teus divinos olhos,  
E vejamos quem vence na partida...

...Sorris? Toma cuidado, roussinol!  
Pois se não podes esconder o Sol  
Muito menos o Amor—quo é a luz da Vila.

VAZ PASSOS.



## Xígia

Ela não é bonita, creio-o bem,  
Tem um não sei quê que é o meu desdouro;  
Não tem a formosura, êsse tesouro  
Que célebre tornou Jerusalem...

O seu perfil suave, êsse também  
Não é de molde raro. Da côr d'ouro  
O luzente cabelo, fino e louro,  
Duma elegante inglaterra, ela não tem...

Ela não é bonita, bem o creio,  
Mas eu adoro-a assim, só porque leio  
Uma casta expressão de fascinar

Nos lindos olhos seus, que me conforta,  
Ela não é bonita., Mas, que importa,  
Se a minha f'licidade é o seu olhar?...

J.